O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo,
ORID. Met. IV.

DOMINGO 4 DE ABRIL DE 1830.

PROSPECTO.

RADICAR profundamente o amor da liberdade no coração de seus leitores, e animá-los a respeitá-la, e a promover a moral pública, sem a religiosa observância da qual cáhe em desprezo a prática dos bons costumes, e periga a independência das Nações; são estes os dous grandes objectos, a qua se dedica o *Amigo das Letras*: e para dignamente desempenhar tão importante tarefa, recorrerá o seu redactor aos Publicistas de maior reputação, e aos Litteratos mais abalisados, antigos e modernos, assim nacionaes como estrangeiros; extrahindo de suas obras aquellas passagens, que encerrarem os melhores preceitos de politica, e de moral.

O desenvolvimento dos eternos e sagrados principios das Sociedades, que a um tempo apresentem ao cidadão o complexo de seus direitos, e a norma de seus deveres; Philosophia prática; Descrições historicas; Allegorias; Cartas; Discursos oratorios; Dialogos philosophicos; Caracteres politicos, litterarios, e moraes; e alem d'estes, Maximas e Anecdotas escolhidas: são estes

os artigos, que encherão as paginas do *Amigo das Letras*. Em summa, este Jornal, offerecendo aos leitores variados exercicios de analyse, de desenvolvimento oratorio, e de critica, apresentar-lhes-ha, ao mesmo tempo, excellentes lições de virtude, de humanidade e justiça, de amor da patria, do desinteresse, e do bem público. Nem um pensamento sequer, nem uma só palavra conterà o *Amigo das Letras*, que tenda a offender a delicadeza do pudor, ou a dignidade dos costumes: por isso, de muito poderá servir para instrucção e recreio da mocidade de ambos os sexos.

A fim de tornar este Jornal o mais util, e interessante possivel, promette o redactor empregar todos os seus esforços com o zêlo e cuidado, que lhe pôde inspirar o amor do bem público, e sobre tudo a estima e o respeito, que elle consagra á Mocidade Brasileira.

ELEMENTOS E FIM DA SOCIEDADE.

Na organisação do ómem, na inclinação natural que elle tem para ser feliz, na sua percisão de sêllo, no constante desejo, que elle sente por conseguir a felicidade, e na perseverança, com que trabalha por alcançalla, existe o principio de toda a ordem social, que a Sociedade foi feita a bem do ómem, e não para seu detrimento. A Sociedade tem por elemento e por fim a *conservação physica e moral dos ómens*; por quanto os seus principios achão-se baseados nas necessidades e nas relações dos ómens, causas unicas da sua sociabilidade: consequentemente, todas as leis, todas as instituições, e todos os actos de execução, que directa ou indirectamente não tenderem a esta conservação, affastando-se da natu-

reza da Sociedade, constituem um attentado contra a especie humana. D'aqui naturalmente resulta que não se póde a Sociedade mantêr senão por meio de convenções fundadas na equidade, razão universal, que serve de regra a todos os ómens; por isso que o espirito da Sociedade é o mesmo espirito da justiça, e todo elle descansa assim sobre a bondade commum, como sobre a equidade para com cada um em particular. As leis, pois, as instituições, os costumes, o espirito público, e as magistraturas, que, discordando entre si, não tenderem á harmonia social, farão da Sociedade um composto de elementos contrarios, que simultaneamente serão damnosos em seus effeitos, e por conseguinte tolherão o regular andamento da maquina politica, cuja acção fica então de todo paralyzada. Assim, temos que o fundamento da sciencia do governo é a felicidade social: fóra d'isto não existe governo, ha só tyrannia ou despotismo.

BONNIN. — *Doutrina Social.*

A VERDADEIRA GLORIA.

A gloria é um sentimento, que nos engrandece a nós mesmos e aos proprios olhos, ao mesmo tempo que augmenta a nossa consideração aos olhos dos ómens esclarecidos. Acha-se a idéa da gloria indivisivelmente ligada com a de uma grande difficuldade vencida, de uma grande utilidade subsequente ao successo, e de igual augmento de felicidade para o universo, ou para a patria. Por muito genio que eu queira reconhecer na invenção de uma arma homicida, por certo que excitaria uma justa indignação, se dissesse que tal ou tal ómem, tal ou tal nação teve a gloria de inventalla. A gloria, pelo menos segundo a

idêa, que d'ella tenho formado, não pôde ser a recompensa dos mais bem merecidos laureis adquiridos na carreira das sciencias. Inventai um novo calculo, compondes um poema sublime, na eloquencia levai a palma a Cicerro ou a Demosthenes, na historia a Thucidides ou a Tacito, que eu vos concederei a celebridade, mas não a gloria.

A superioridade do talento nas artes tambem não grangêa gloria. Quera que tenhaes tirado de um tósco pedaço de marmore o Gladiador, ou o Apollo de Belvedere; supponhamos que a Transfiguração tenha sahido do vosso pincel; gozareis, na verdade, de grande reputação, mas não de gloria. Digo ainda mais: igualai a Vauban na arte da fortificação, a Turenne ou a Condé na tactica militar; ganhai batalhas, conquistaí provincias; todas essas acções serão bellas, não ha duvida, e vosso nome passará á posteridade mais remota; mas não são ainda estas as qualidades, que dão gloria. Ninguem pôde dizer que tem direito á gloria, por isso que contribuiu para augmentar a da sua nação. Qualquer pôde ser a honra da sua corporação, sem ao mesmo tempo ser a gloria da sua patria. Pôde um particular qualquer aspirar á reputação, á celebridade, e á immortalidade; mas, só circumstancias mui raras o podem concuzir ao tempo da gloria.

A gloria pertence a Deos no Ceo. Na terra é ella a partilha da virtude, e não do genio; da virtude util, grande, bemfazeja, brilhante, e heroica. Um monarcha adquire gloria, quando depois de cuidar seriamente na felicidade de seus subditos, durante um reinado tempestuoso, consegue a final tornallos felizes. O subdito, que sacrifica a vida pela salvação de seus concidadãos,

prática uma acção em extrêmo gloriosa. Alcança gloria aquelle povo, que antes quer perecer livre do que viver escravo. Em fim a gloria desconhece um Cezar, um Pompeio; mas recebe em seu templo um Regulo, um Catão.

RAYNAL. — Hist. Phil.

SOCRÁTES E CATAO.

Ousemos comparar Socrates com Catão: um era maior philosopho, e o outro cidadão mais benemerito. Athenas já estava perdida; e Socrates não tinha por patria senão o mundo inteiro: a patria de Catão existio sempre no fundo do seu coração; elle não vivia senão para ella; não pôde sobreviver-lhe. A virtude de Socrates é a virtude do mais sabio dos ómens; mas, entre Cezar e Pompeio, Catão parece um Deos no meio dos mortaes. Um ensina a alguns individuos, combate os sophistas, e morre pela verdade; o outro empunha a espada em defeza do Estado, da liberdade, e das leis, desafia os conquistadores do mundo, e por fim abandona a terra, onde já não via patria, a quem servisse. Um digno discipulo de Socrates seria o mais virtuoso de seus contemporaneos. Um digno emulo de Catão por certo que viria a ser o maior d'entre elles todos. A virtude do primeiro bastaria para tornallo feliz; o segundo procuraria a sua na felicidade de todos os seus concidadãos. Um serviria para nos instruir, o outro para guiar-nos: pois que até hoje ainda se não vio um povo de sabios, mas, não é nem um impossivel fazer a felicidade de todo um povo.

J. J. ROUSSEAU. — Disc. sobre Econ. Polit.

CONTRADANÇAS INFLAMMATÓRIAS.

Saltare elegantius quam necesse est probat.

Luciano, em um de seus dialogos, introduz um philosopho, que reprehende a um seu amigo por ser apaixonado pela dança, e um frequentador de bailes. O tal amigo toma sobre si a defeza do divertimento de que mais gosta, dizendo que a dança fora inventada pela deusa Rhea, e até livrara a vida do proprio Jupiter da crueldade de seu pai Saturno. Elle continua a mostrar que este innocente passatempo merecera, desde o principio dos seculos, a approvação dos ómens mais conspicuos; que Homero qualifica Merion de grande dançarino, pois que a sua graça, e extrema agilidade, adquirida n'este exercicio, lhe gragearão um nome distincto nos dous exercitos tanto Grego como Troiano.

O Philosopho dançarino acrescenta que os grandes feitos de Phyrro não lhe dorão tanta reputação como a que elle alcançou com a invenção de uma dança nova; que os Lacedemonios, de certo o povo mais valeroso da Grecia, promovião muito este divertimento, e até era celebre em toda a Azia o seu *Hornius*: na Thessalia ainda se vião algumas das estatuas erigidas, n'outro tempo, em honra dos dançarinos mais insignes; que muito se admira que seu irmão philosopho se atreva a afastar-se da opinião de duas pessoas, ás quaes mostra consagrar um profundo respeito, taes como Homero e Hesiod; quando este ultimo chega a meter o valor e a dança em linha de comparação, e diz que os deoses dotavão a certos ómens de fortaleza, e a outros de disposição para a dança.

Por fim, o nosso philosopho faz lembrar ao seu amigo que Socrates, (na opinião de Apollo o mais sábio de todos os homens,) não só era um reconhecido admirador d'este exercicio nos outros, mas que elle mesmo tomou lições de dança, apesar de já se achar n'uma idade bastante avançada.

Eu sempre gostei de apoiar a minha doutrina com exemplos tirados dos homens de authentica celebridade; assim, julgo ter mostrado que em nada offendo a minha dignidade, como homem litterato, transcrevendo n'este lugar a seguinte carta:

Sr. — Eu sou um homem, que tenho visto perto dos meus quarenta invernos, e por meio de uma industria honesta pude ajuntar quanto basta, para dar a meus filhos uma educação liberal, apesar da que eu recebi ter sido bem rasteira. Há ja algum tempo que minha filha mais velha, moça de dezaseis annos, aprende a dançar com Mr. Bergier, um dos professores de nome na cidade; ella e sua mãe tanto fizerão, que tive de acompanhallas a noute passada a um dos bailes d'este homem. Devo confessar-vos, Sr., que ao principio estimei muito ter tomado a liberdade de lá ir, e até fiquei encantado com aquella parte do divertimento, que se chama contra-dança Franceza. Havia entre os convidados varios moços e algumas senhoras, cujos membros parecião não ter outro movimento senão aquelle justamente que a musica lhes dava. Acabada a contra-dança Franceza, deu-se principio a outro divertimento chamado simplesmente contra-dança, e no qual achei algumas cousas agradaveis; sobretudo diversas figuras emblematicas, compostas, a meu ver, por homens sabios para instrução da mocidade. Entre estas figuras, notei uma, conhecida pelo nome da

Caça da Doninha, na qual em quanto a mulher foge, o ómem a persegue; mas, assim que ella volta, elle procura fugir-lhe, vendo-se ella então obrigada a seguillo.

A moralidade d'esta dança, segundo me parece, tendo a recommendar ao bello sexo modestia e prudencia.

Mas, as melhores instituições estão sujeitas á corrupção; e eu julgo do meu dever declarar-vos que mui grandes abusos se tem introduzido n'este divertimento; na verdade innocente na sua primaria simplicidade. Fiquei por extremo pasmado de ver o sangue frio, com que a minha pequena dava a mão áquelles dançarinos, e a familiaridade, com que elles a recebem; de véras que nunca pensei que minha filha fôsse capaz de tanto! Mais de uma vez marcáráo elles uma figura lasciva e muito atrevida, a qual eu não saberei descrever-vos de outra maneira, senão dizendo-vos que é justamente o reverso de costas com costas. A final, um dos mais desembaraçados ordenou aos musicos que tocassem uma dança, cujo nome ignoro, nem tambem pertendo indagallo; e depois de fazer duas ou trez cabriolas, correu para o seu par, enlaçou-a nos braços, e a fez andar a roda suspensa no ar por tanto tempo, e com tanta ligeza, que eu, da cadeira em que estava assentado, vi-lhe acima do sapato mais do que julgo decente dizer-vos. Não pude por mais tempo soffrer esta vergonhasa scena: por isso, e no mesmo instante, em que elles ião fazer minha filha andar á roda como um sarihlo, apoderei-me do seu braço, e immediatamente a conduzi para minha casa.

Eu, Sr., ainda não sou tão velho, como talvez elles pensassem, para me terem por tolo. Quero que este divertimento fôsse a principio inventado para conservar a boa harmonia devida entre a mocidade de ambos os sexos;

contra isso não vou; mas, não posso de modo algum approvar as innovações, que acabo de apontar-vos. Não sei qual é o vosso parecer a este respeito; mas, se tivésseis ido na minha companhia, e presenciásseis tudo o que eu vi, estou certo que darieis a esta materia a necessaria importancia. Vosso attento venerador, &c.

Receio, eu o confesso, que o meu correspondente tivesse motivo de sobejo para ficar um pouco fóra de si, á vista do tratamento, que vio dar a sua filha. Todavia, não me atrevo a passar sentença contra este divertimento; e sigo a opinião de um amigo meu, que a dança, pelo que diz respeito á etiqueta da sociedade, e á graça, que presta a todos os movimentos do corpo, é muito util, e até absolutamente necessaria.

Direi mais, que um conhecimento mediano dos preceitos da dança contribue não pouco para habituar qual-quer pessoa, e a conservar-se n'uma sociedade com um modo airoso, e agradável. Por de todo desprezar este necessario conhecimento, já vi um professor de artes liberaes perdido sem saber cumprimentar uma senhora; e um excellente mathematico sem poder resolver se deveria levantar-se ou ficar assentado, em quanto um fidalgo bebia á sua saude.

Ed. Budgell.

Carta de uma Donzella de treze annos, pedindo parecer sobre o seu casamento.

De tenero meditatur ungui.

Hor: 3. Od.

Sr. — Eu fiz treze annos a nove de Novembro passado, e com effeito é tempo que eu principie a cuidar em

Eu, que o conheço ha quasi um anno, por ventura não saberei melhor ajuizar do seu merecimento, do que meu pai e minha mãe, que nunca o ouvirão fallar se não á meza?

Não.

Acaso não estou eu já em idade de poder escolher marido, sem ter que dar satisfações aos que me governão?

Não.

Não seria uma enorme grossaria em mim ter recusado a Florindo uma trança do meu cabello?

Não.

Não me terião todos por uma mulher bem cruel, se eu não tivesse compaixão de um ómem, que um só instante não deixa de suspirar por mim?

Não.

Pensei, assim como eu penso, que elle irá deitar-se a affogar, se por desgraça não chegar a casar comigo?

Não.

Quando não possamos obter o consentimento de meus pais, aconselhais-me que fuja com elle, não é assim?

Não.

Deve eu dizer-lhe que sim, que estou prompta, a primeira vez que elle me perguntar se de véras pertendo casar com elle?

Não, não.

Steele

MAXIMAS.

Deve o ómem occupar todas as suas horas de descanso em augmentar seus conhecimentos; d'este modo adquirirá elle um fundo inexaurível, que lhe grangeará consideração na idade avançada, e sobrevivendo, as mais das

vezes á perda, ou ao enfraquecimento de quasi todas as suas faculdades, tornar-lhe-há aprazível a solidão, mitigará seus pezares, e o conduzirá ao termo da vida por um caminho suave e agradável,

Madame de Renneville.

Por muito grande que pareça ser a differença, que existe entre as fortunas, há todavia uma certa compensação de bens e de males, que as torna iguaes.

O Duque de la Rochefoucauld.

ANECDOTAS,

Um nobre, um muito nobre marquez Francez, magistrado em 1815, era tão cioso da sua authoridade, que a todos os seus subordinados prohibio fallarem na sua presença. Apresentarão-lhe um dia um camponez, accusado de haver levantado um grito sedicioso, Reves. ~~que~~ o nosso marquez de toda a sua gravidade, e deu principio ao interrogatorio n'estes termos: "*Accusado, sabeis que eu tenho o direito de interrogar-vos, e que vós não tendes o de me responder.*"!!!

— Não ha muito tempo que um Principe Memão viu, sonhando, trez ratos; um d'estes ~~era~~ o outro magro, e o terceiro cego. Como este principe supersticioso quizesse ter a interpretação do tal sonho, perguntou por isso a muitos de seus cortezaos; mas, em vão, não soubérão elles dizer-lhe cousa alguma, que o satisfizesse. Pôde, por fim, fallar com uma feiticeira velha, que lhe deu a explicação seguinte: *O rato gordo representa vossos ministros; o magro significa o vosso povo; e o rato cego é o vosso retrato, meu principe.*